

(BIO) DOCÊNCIAS E EDUCAÇÃO SEXUAL ALÉM DO BIOLÓGICO: ENSAIANDO PROBLEMATIZAÇÕES

Elaine de Jesus Souza¹

Resumo: Esse estudo visa problematizar discursos sobre (Bio)docências, corpos, gêneros e sexualidades, a partir de fanzines produzidos na disciplina Educação Sexual na Perspectiva dos Estudos Culturais/ESPEC. Os fanzines constituem pedagogias e artefatos culturais potentes para ressignificar o ensino de Biologia em direção ao exercício de (bio)docências sobre/para/com vidas. Assim, questionamos o lugar da diversidade nos currículos escolares, enfatizando a necessidade de abordagem da Educação Sexual desde a infância, incorporação de perspectivas feministas e de gênero para (re)construção de processos de ensino e aprendizagem pautados na equidade, justiça social e acolhimento das diferenças.

Palavras-chave: Docência; Biologia; Educação Sexual; Estudos Culturais.

(BIO)TEACHING AND SEX EDUCATION BEYOND THE BIOLOGICAL: REHEARSING PROBLEMATIZATIONS

Abstract: This study aims to problematize discourses on (Bio)teaching, bodies, genders, and sexualities, based on fanzines produced in the course "Sex Education from the Perspective of Cultural Studies/ESPEC." Fanzines constitute powerful pedagogies and cultural artifacts that redefine biology teaching toward the practice of (bio)teaching about, for, and with lives. Thus,

¹ Universidade Federal do Cariri (UFCA).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3931-0025>
E-mail: elaine.js.sd@hotmail.com

we question the place of diversity in school curricula, emphasizing the need to address Sex Education from an early age, incorporating feminist and gender perspectives to (re)construct teaching and learning processes based on equity, social justice, and the embrace of differences.

Keywords: Teaching; Biology; Sex Education; Cultural Studies.

INTRODUÇÃO

No decorrer de minhas experiências como professora-pesquisadora, as políticas de corpos, gêneros e sexualidades marcaram presença de modo desafiador e problematizador, sobretudo na Educação Básica, por isso, comecei a abordar tais temáticas em minhas aulas de Ciências/Biologia para atender as inquietações, curiosidades e dúvidas dos/as alunos/as. A partir das inúmeras vivências e questões trazidas pelos/as discentes, precisei aprender a acolher a diversidade de identidades/diferenças e (des)construir conhecimentos sobre essas dimensões humanas, afinal grande parte de minha formação docente inicial foi marcada por uma Biologia alicerçada em essencialismos, classificações e oposições binárias. Em minha tese de doutorado (Souza, 2018), narrei e problematizei as cenas escolares: “*Quiz meninos versus meninas*” e “*Virei homem, professora*”, destaco aqui porque provocaram-me (e ainda provocam) reverberações e questionamentos, a saber: Como nós docentes podemos (re)aprender para reconhecer e acolher a diversidade de corpos, gêneros e sexualidades que permeiam os espaços escolares? Embora, não exista uma resposta pronta, podemos (re)pensar em pistas e estratégias didático-metodológicas que favoreçam o reconhecimento das diferenças nos espaços escolares a partir do entendimento de corpos, gêneros e sexualidades como construções subjetivas, socioculturais e políticas, não meramente biológicas.

Carlos Skliar (2003, p. 46) adverte que a “mesmice da escola proíbe a diferença do outro”. Marina dos Reis e Sandra Corazza (2020) ao destacarem que “o ensaio de docência” encoraja a superar o conceito, a começar pelo conceito da mesmice da aula, nos provocam a pensar o quanto nossos saberes e nossas práticas docentes precisam ser reinventadas, sobretudo para acolher as múltiplas identidades/diferenças e atender as demandas socioeducacionais contemporâneas. Ademais, as autoras enfatizam: “O/a Professor/a é um gesto sonhado em demasia” (Reis, Corazza, 2020, p.24), isto é, a docência ainda que marcada por diversos clichês e discursos essencialistas consegue tornar-se criadora de aulas-sonhos, ao provocar possibilidades inventivas à educação, por meio do exercício de pensamento, problematização e experimentação. Em consonância, vale questionar: que outras perspectivas de aulas e outros destinos podemos trilhar na docência além de ser sonhadora? As aulas-sonho podem começar por uma docência que valorize a diversidade de identidades, saberes e práticas a partir de uma escrita poética usando voz e corpo, ensaiando pensamentos e criações (Reis; Corazza, 2020).

Em outro texto, “O docente da diferença”, Corazza (2009) argumenta que o devir docente, ou seja, o processo de tornar-se docente pressupõe movimentos com intensidades, multiplicidades e transformações, para além dos limites individuais e coletivos, regidos pela arte de ensinar e aprender sobre/para/com as diferenças em múltiplos espaços socioeducativos. Assim, a autora defende uma “artistagem docente”, nos impulsionando a investir em “[...] uma vida docente criadora da diferença” (Corazza, 2009, p.105). Sobretudo nos campos do Ensino de Biologia e da Educação Sexual, nossas memórias e experiências docentes constituem potentes estratégias para problematizações e desconstruções sobre como nos tornamos educadores/as e conduzimos processos de ensino e aprendizagem a partir de uma docência

viva como arte de si, buscando reconhecer e acolher múltiplas identidades/diferenças.

Nessa lógica, (bio)docências constituem formas plurais de ensinar, aprender e educar sobre/para/com vidas além do biológico, ou seja, o que convencionalmente se entende por biológico. Pois, a partir dos Estudos Culturais, sabemos que a Biologia (e demais campos de saber) consiste em uma construção sociocultural e política. Esse ensaio, no sentido larroseano e foucaultiano, instigaria problematizar estratégias e possibilidades para construção de (bio)docências em articulação com a Educação Sexual a partir de uma escrita acadêmica viva, fluida e com liberdade temática, posto que ousa ultrapassar fronteiras do científico e do poético. Portanto, o principal objetivo desse ensaio consiste, justamente, em *ensaiar problematizações a partir de (Bio)docências e uma Educação Sexual além do biológico*. Tais campos (trans)disciplinares abrangem uma diversidade de vidas, saberes, práticas encenadas em narrativas (bio)docentes, constituídas por memórias e experiências de uma professora-pesquisadora alicerçada na perspectiva dos Estudos Culturais Pós-estruturalistas. Para tanto, vale problematizar discursos sobre corpos, gêneros e sexualidades, a partir de fanzines produzidos na disciplina optativa “Educação Sexual na Perspectiva dos Estudos Culturais/ESPEC”, ministrada pela autora e ofertada desde 2019 em uma Universidade Federal para os cursos de licenciaturas em Biologia, Interdisciplinar em Ciências Naturais, Pedagogia, Química, Física e Matemática.

CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES: ALÉM DE EXPERIÊNCIAS (BIO)DOCENTES

Ao longo de minha trajetória profissional e acadêmica, sigo aprendendo com meus/minhas alunos/as a importância de exercitar o (auto)questionamento de saberes e práticas,

principalmente ao enxergar as diferenças como potências e, reconhecer que a Biologia como “ciência da vida” vai além de laboratórios e espaços (de)limitados, pois: “[...] A vida é sempre um ‘entre’, um corpo múltiplo que se multiplica e se diferencia de si mesmo, vida é devir” (Chaves, 2020, p.100). Desse modo, ao narrarmos nossas histórias de vidas e deixarmos a experiência invadir currículos escolares e acadêmicos, vislumbramos novos horizontes docentes, abrindo-se: “[...] um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão)” (Larrosa, 2014, p.75).

Para Larrosa (2014, p.48), “a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca a minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade”. Nessa perspectiva, Larrosa (2012) nos provoca a pensar a educação a partir do par experiência/sentido não como oposições binárias, mas como complementares, porque as relações educativas são vitais, não técnicas e conteudistas como nos querem impor. O autor ressalta que a vida humana é *biós*, ou seja, “vida mundana tecida em palavras”, logo sempre nos escapa, foge e nunca se deixa aprisionar posto que está sempre em transformação, assim como a experiência e o sentido que construímos ao longo de nossa trajetória docente.

Essa sensação de fluidez da vida é ainda mais perceptível quando se trata das dimensões de corpos, gêneros e sexualidades, por vezes, não temos respostas e nem sabemos lidar com o que destoa das normas sociais e nos causam inquietações e reverberações em nossas experiências docentes. Contudo, podemos começar pelo entendimento das peculiaridades de cada um desses conceitos. Sexualidade constitui dimensão humana que vai além de sexo e reprodução, pois abrange nossas relações e identidades, nossos desejos e prazeres... (Louro, 1997). Foucault (2014) narrou uma

história da sexualidade como experiência marcada por modos de subjetivação a partir de uma proliferação de discursos produzidos na e pela cultura conforme relações de poder-saber e normatizações. Desse modo, para Foucault (2015a), a sexualidade consiste em um dispositivo histórico reiterado por um conjunto de discursos e relações de poder-saber que buscam disciplinar corpos de indivíduos (biopoder) e regular prazeres e desejos de populações (biopolítica). Assim, tal dimensão humana ultrapassa os limites biológicos e é construída ao longo da vida a partir dos modos como nos relacionamos com outras pessoas e das múltiplas experiências, modos de subjetivação e identidades políticas.

Ademais, evidenciamos que, apesar dessa interligação entre sexualidade e gênero, são conceitos distintos, de modo resumido, gênero relaciona-se a construção subjetiva, identitária e sociocultural de nossas masculinidades e feminilidades. Também marcado por identidades e diferenças produzidas na/pela cultura, o conceito de *gênero* engloba múltiplas expressões de corpos e representações de masculinidades e feminilidades, que excedem os limites do sexo biológico e a noção de “papeis sexuais”. Nesse sentido, não somente transgêneros (incluindo travestis e transexuais) seriam “encenados” por redes discursivas e culturais, mas sobretudo cisgêneros costumam ser ensinados a manter um padrão masculino e feminino tão “natural” que precisa da constante vigilância de distintas instâncias sociais, como a família e a escola. Nessa direção, caberia repensar os efeitos discursivos de uma Educação Sexual na constituição de masculinidades e feminilidades: que discursos estariam em disputa nas representações de gênero?

Embora um corpo sexuado e generificado seja produzido histórica e socioculturalmente, também envolve todo um processo subjetivo que faz os indivíduos buscarem incessantemente novas formas de “ser”, reinventarem

identidades, prazeres e desejos, negociando com os processos culturais a partir de um paradoxo entre resistência e aceitação das normas sexuais e de gênero. Dessa maneira, um corpo, além de ser singular, também é partilhado porque engloba semelhanças e diferenças de outros corpos produzidos conforme o tempo e a cultura vigentes (Goellner, 2013). Portanto, o corpo não existe exclusivamente como um artigo biológico, mas através de um sistema político marcado por mecanismos de poder (Foucault, 2015b).

Nesse olhar, políticas de corpos, gêneros e sexualidades constituem nossas experiências de vidas e demandam um exercício de problematização sobre como nos tornamos sujeitos docentes em uma cultura capturada por relações de poder-saber, mas que também admite resistências. Enquanto educadores/as (de Ciências/Biologia, Pedagogia, Artes, Sociologia, Filosofia, Matemática, Química, Física e demais campos disciplinares) podemos ultrapassar fronteiras reais e/ou imaginárias para ensinar além dos conteúdos específicos, principalmente ao reconhecermos o currículo como artefato cultural e, que somos seres biológicos e socioculturais (Souza; Maknamara, 2024). Posto que: “[...] A biologia se ocupa da vida e a vida não é obediente a demarcações. Somos nós que nos arvoramos, muitas vezes, em policiais de fronteira” (Chaves, 2020, p.100).

Paraíso (2023) nos convida a construir um professorar que organize encontros entre diferentes saberes, experiências, alegrias e sonhos... Ou seja, uma docência que instigue a desconstrução de normas e atue nas brechas para (re)criar currículos conectados à vida. Para tanto, nos convoca a fabricar “[...] um currículo vitalício que tenha em sua genética a diferença, que tenha em sua matéria a experimentação nômade, e que (con)fabule com tudo que faça a vida proliferar” (Paraíso, 2023, p.147). Assim, (bio)docências sobre corpos, gêneros e sexualidades nos impulsionam a ensaiar saberes e

práticas que favoreçam o reconhecimento da multiplicidade e fluidez das vidas com as quais ensinamos, aprendemos, estudamos e (con)vivemos...

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesse caminho, os fanzines selecionados para análise e problematização nesse ensaio foram produzidos na disciplina optativa “*Educação Sexual na Perspectiva dos Estudos Culturais/ESPEC*”, ofertada para licenciaturas, especificamente, essa turma de 2024.2² teve 19 licenciandos/as dos cursos de Biologia, Interdisciplinar em Ciências Naturais e Pedagogia. Para a produção de fanzines, esses/as licenciandos/as se organizaram em 5 grupos com as seguintes temáticas da Educação Sexual, respectivamente: 1. Diversidade sexual *versus* homofobia na escola; 2. Educação Sexual na Educação Infantil; 3. Gêneros e feminismos; 4. Sexualidades e Cultura Surda; 5. Pluralidade de Corpos nas redes sociais; 6. Educação Sexual e religião.

Esse exercício de problematização, a partir da produção de fanzines e outros artefatos culturais, permeia minha docência no Ensino de Ciências/Biologia, em articulação com leituras, escritos, experiências, histórias de vida, que constituem potentes estratégias didático-metodológicas adotadas na ESPEC para questionar discursos e relações de poder-saber marcantes nas políticas de corpos, gêneros e sexualidades. Essa disciplina vai além ao produzir saberes, práticas e modos de subjetivação docentes, por meio da análise e/ou (re)criação de outros artefatos culturais além dos fanzines, tais como: mapas mentais sobre sexualidade; questionário sobre o documentário “O Silêncio dos homens”; atividade

² Cabe informar que a turma da disciplina ESPEC 2024.2 foi ministrada no primeiro semestre de 2025 em decorrência do atraso no calendário acadêmico das universidades federais.

“Desenhando corpos”; Questionário Hétero e vídeo *Shame no more*; Produção de Fanzines, resenha crítica do filme Beijos Escondidos (2016), (re)criação de dinâmicas de grupo, tais como “Memórias de si” e “Roda das emoções”, problematização de músicas e, narrativas nos Cadernos de Diários ESPEC que abrangem um inventário pessoal com experiências e aprendizados sobre corpos, gêneros e sexualidades escritos e produzidos no decorrer da disciplina. Contudo, para esse ensaio, os fanzines serão problematizados como artefatos culturais potentes para provocar (des)construções no ensino de Ciências/Biologia.

No cenário educacional, os fanzines consistem em artes e/ou publicações criadas de modo independente por discentes, visando explorar tópicos estudados de maneira única e (inter)pessoal, combinando elementos visuais, como ilustrações, recorte e colagens de imagens, com textos explicativos, para sintetizar e comunicar informações complexas de maneira lúdica e inteligível (Campos, 2009). Nesse contexto, o trabalho pedagógico com fanzines busca instigar a liberdade criativa, curiosidade, coerência textual e incentivar o posicionamento crítico sobre a arte a partir das experiências de vida de cada estudante (Magalhães, 2020). A produção dos fanzines envolve pesquisa, análise crítica e síntese de informações, permitindo aos/as alunos/as exercitarem seu senso crítico e aprofundar sua compreensão sobre temáticas socioculturais como sexualidade, corpo e gênero. Portanto, o processo de criação de fanzines no ensino de Ciências/Biologia amplia as possibilidades de aprendizados, oportunizando uma experiência educacional artística, problematizadora e memorável. “[...] Os fanzines, então, sob esse prisma das possibilidades, são imprescindíveis e importantíssimos catalisadores proeminentes (e agregadores fraternais) que precisam urgentemente ser adotados nas escolas e até nas universidades” (Andraus, 2013, p. 92).

Para a problematização dos fanzines, a análise cultural, com inspiração na análise foucaultiana do discurso, constitui uma forma de descrever esse artefato, evidenciando as múltiplas representações, relações e significados produzidos a partir de pedagogias culturais, possibilitando visualizar os principais discursos e enunciados (re)produzidos sobre temáticas socioculturais, como Educação Sexual, sexualidade, corpo e gênero (Meyer, 2008; Wortmann, 2007). Ao adotar a análise cultural, observamos as condições de possibilidades e os diferentes modos em que discursos são construídos, (re)produzindo visões do mundo sociocultural e como indivíduos são posicionados nas relações de poder (Wortmann, 2007).

As temáticas socioculturais que constituem a Educação Sexual admitem uma diversidade de sentidos que se multiplicam em diferentes objetos constituindo efeitos de poder-saber. Contudo, Silva (2015, p.134) ressalta que “a análise cultural parte da concepção de que o mundo cultural e social torna-se, na interação social, naturalizado: sua origem social é esquecida. A tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização”. Ou seja, a problematização a partir da análise cultural possibilita desconstruir representações e discursos essencialistas sobre as temáticas socioculturais da Educação Sexual, como sexualidade, corpo e gênero, que reverberam nos saberes e práticas no ensino de Ciências/Biologia.

ENSAIANDO PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, CURRÍCULO E (BIO)DOCÊNCIAS

Nas políticas de corpos, gêneros e sexualidades, não existe um discurso unitário, mas uma heterogeneidade discursiva que atravessa a Educação Sexual nos currículos

escolares e acadêmicos. Dessa forma, tais discursos não estão isentos de constantes deslocamentos conforme o contexto histórico e sociocultural, sendo possível desconstruí-los por meio de problematizações e estratégias que denunciem os jogos de poder implicados em sua manutenção. Portanto, a Educação Sexual constitui um sistema político que pode tanto manter discursos normativos e excludentes ancorados na diáde poder-saber, quanto transformá-los em favor da multiplicidade de corpos, gêneros, sexualidades e, outras dimensões da vida.

Nessa perspectiva, compreendemos Educação Sexual além do biológico (Souza, 2018) como um campo transdisciplinar que abrange discursos, aprendizados e (des)construções sobre corpos, gêneros e sexualidades numa perspectiva sociocultural, subjetiva e política. Ademais, assumimos que artefatos culturais constituem um currículo problematizador e múltiplo, pois, admite possibilidades de entrelaçamento entre ciências, artes, subjetividades e culturas (Souza; Maknamara, 2024).

No campo da Educação Sexual e (bio)docências, o exercício de problematização possibilita reconhecer identidades/diferenças, sujeitos, discursos como construções socioculturais, políticas e históricas marcadas por uma complexa rede de relações de poder-saber. Ao questionar “por que essa problematização?” seria necessária na docência, corroboramos com Foucault (2017, p.193): “[...] em oposição à história dos comportamentos ou das representações – é definir as condições nas quais o ser humano “problematiza” o que ele é, o que faz e o mundo em que vive”. Posto que: “Em uma época de transformações intensas, vale o exercício de pensar e abrir questões” (Czeresnia, 2012, p.109). Nesse caminho, a problematização nos instiga a pensar de outros modos, visando ensinar e aprender sobre/para/com vidas além do biológico, ao reconhecer o caráter sociocultural e político do

currículo, da docência e da Educação Sexual (Souza; Maknamara, 2024).

Tomaz Tadeu (2007) em seu épico texto “Políptico”, (des)constrói discursos sobre a pesquisa/escrita pós-crítica, a partir de um jogo lúdico e problematizador de palavras, colecionando pistas para exercitarmos o pensamento pós-crítico que: não segue o caminho, sai dos trilhos, dispersa, deforma, ao invés de centralizar, distribui, pois não força os limites, mas empurra as margens e nos possibilita pular as fronteiras. É nesse (des)caminho que a problematização nos instiga a “subverter a linguagem e a gramática: é por aí que se infiltram o poder do senso comum e o senso comum do poder” (Tadeu, 2007, p.313).

Nesse processo de produção de modos de subjetivação docente (Souza; Santos, 2021), cabe problematizar alguns fanzines como artefatos culturais produzidos nas aulas da disciplina ESPEC. Os fanzines podem ser entendidos como revistinhas populares produzidas a partir de recorte e colagem de imagens, ilustrações, desenhos com escritos, esquemas, experiências e informações sobre determinada temática sociocultural que constituem um instrumento artístico e lúdico de ensino e aprendizagem. Os fanzines constituem artefatos culturais potentes para problematizar linguagens e discursos indo além de currículos tradicionais conteudistas e tecnicistas, principalmente no ensino de Ciências/Biologia que envolve um “universo de conceitos” (Souza; Maknamara, 2024). Como recorte do material empírico para o exercício de problematização das narrativas (bio)docentes, aqui destacaremos as 3 primeiras temáticas dos fanzines produzidos pelos grupos de licenciandos/as e, organizados nas 3 figuras seguintes: 1. Diversidade sexual *versus* homofobia na escola; 2. Educação Sexual na Educação Infantil; 3. Gêneros e feminismos.

t.

Sobre a temática da diversidade sexual e homofobia representada na figura 1, os enunciados evidenciam a urgente necessidade do reconhecimento das múltiplas identidades/diferenças na escola. Contudo, por meio das cores e ilustrações desse fanzine, destacamos que os/as licenciandos/as já compreendem a importância de abordar essa questão e investem na ludicidade e (in)formações para problematização de preconceitos e discriminações que caracterizam a homofobia. O desenho de uma pessoa com a bandeira LBTI+ em frente a uma escola sinaliza que ao invés da invisibilização, esse espaço socioeducativo deveria estar aberto à diversidade e poderia transformar-se em acolhimento das diferenças, inclusive sexuais e de gênero.

Figura 1: Fanzines sobre Diversidade sexual versus homofobia na escola



Fonte: Estudantes da disciplina ESPEC (2025)

Esse enunciado destacado no fanzine: “*A escola deve ser um lugar de construção de conhecimentos e não de traumas*”, me fez lembrar uma cena escolar vivenciada quando estava ministrando uma palestra sobre Educação Sexual em uma escola profissionalizante no cariri cearense e, ao final da minha fala, um dos ouvintes, que era um rapaz gay, questionou: “*Professora, sabe qual foi meu dia mais feliz na escola? Quando saí dela e me libertei!*”. Esse enunciado me provocou inquietações e fiquei praticamente sem resposta porque, como professora de Biologia e pesquisadora das temáticas da Educação Sexual, admito que, usualmente, a escola ao invés de acolher as diferenças sexuais e de gênero, costuma reproduzir preconceitos e discriminações, principalmente práticas homofóbicas sutis e/ou manifestas.

Marlucy Paraíso (2023) ao argumentar que o currículo é “o coração da escola”, pois esse artefato cultural faz a escola pulsar, sonhar, desejar, planejar, discutir, lutar, construir alianças, ensinar e aprender sobre/para/com múltiplas identidades/diferenças (sexuais, de gênero, étnico-raciais, neurodivergentes, entre outras) nos provoca a admitir que precisamos incluir temáticas socioculturais e políticas de corpos, gêneros e sexualidades nos currículos escolares e acadêmicos para desconstruir preconceitos e compartilhar sonhos, alegrias compatíveis com a diversidade de vidas. Ao assumirmos essa dimensão cultural interligada aos currículos escolares, conseguimos vislumbrar que o processo de construção de (bio)docências demanda estratégias didático-metodológicas que favoreçam outros modos de ensinar e aprender com criatividade, entusiasmo, empatia e felicidade... Para tanto, precisamos (re)pensar as ciências, ressignificar a abordagem de conteúdos (trans)disciplinares e, sobretudo, reconhecer temáticas socioculturais que constituem a Educação Sexual como implicadas em processos de tornar-se sujeito de uma cultura marcada por preconceitos e

discriminações perpetrados contra à diversidade sexual, desigualdades nas relações de gênero e nas experiências ligadas às expressões de corpos e sexualidades.

Corazza (2004) nos encoraja a exercitar uma docência viva, pulsante e política, para tanto, como educadores/as precisamos encarar a sociedade, cultura, escola, didática, pedagogia e o currículo como experimentos ao invés de leis e contratos, pois as relações curriculares não funcionam como peças de um quebra-cabeças prontas para o encaixe em espaços pré-definidos, mas como pedras sinuosas que servem de alicerce para diferentes saberes e práticas. Nesse percurso, a autora nos inspira a (re)pensar um “currículo sempre em fuga”, isto é, que não se esgota em suas segmentações disciplinares, mas admite linhas de fuga, experimentações, problematizações e devires. Posto que, o currículo é composto não somente por macropolíticas, mas também micropolíticas, e estas, como nos ensinou Foucault, permitem rasuras e “pequenas revoltas diárias”, possibilitando transformações nos modos como ensinamos e aprendemos além de conteúdos disciplinares, objetivos e regras, principalmente como nos tornamos sujeitos de uma cultura. Nessa direção, podemos trilhar essa jornada pensando e construindo “[...] um currículo sem pressupostos, de abdicar das presunções do senso comum, de jogar fora as bússolas representacionais, fenomenológicas, hermenêuticas, dialéticas, e transformar todas as opiniões curriculares nas idiossincrasias de um estilo de pensar-criar o currículo de outros modos” (Corazza, 2004, p.04).

Para (re)inventar esse currículo, partimos de um exercício de problematização, que não se reduz a responder perguntas, pois pressupõe o desenvolvimento de novos modos de determinação do problema e a (re)criação de novas soluções. Portanto, “pensar em termos de problematização é uma atividade terrivelmente perigosa” (Corazza, 2004, p.08) porque demanda estranhamentos, recuos e mudanças nas rotas de ensino e aprendizagem para (des)construir uma (bio)docência potencializadora de devires e não rendida a

competências e habilidades delimitadas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018; Corazza, 2016).

Nesse sentido, Fabiane Olegário e Sandra Corazza (2015) ressaltam a necessidade de construirmos estratégias para borrar a imagem convencional do currículo visto como aquisição de técnicas, transmissão de conteúdos e desenvolvimento de habilidades e competências. Nesse contexto, as autoras questionam: “Mas como driblar o que está instituído e salvaguardado como verdade no currículo? Como praticar um currículo que fale em nome próprio? Aprender, assim como o ensaiar, não se trata de repetir o mesmo, mas inventar o porvir” (Olegário; Corazza, 2015, p.361). Seguimos parafraseando: De que modos nós educadores/as podemos criar movimentos disparadores de aulas-sonho que reinventem a didática e o currículo? Justamente, a construção de estratégias de resistência e recriação de currículos escolares que reconheçam as diferenças demandaria inventar meios, incorporar possibilidades transgressoras, dramatizar nossas aulas-sonho e encenar o currículo (Olegário; Corazza, 2015). Assim, nós (bio)docentes podemos seguir (re)inventando uma escola e um currículo favoráveis a diversidade de saberes, práticas e vidas, sobretudo para exercitarmos o pensamento vital da/sobre/para diferença.

Nessa trajetória, os fanzines sobre Educação Sexual na Educação Infantil evidenciaram a importância de acolher e reconhecer as diferenças, por meio da ludicidade, criatividade, empatia e exercício de problematização de discursos biológicos e pedagógicos que costumam sustentar visões essencialistas sobre infância e currículo, por meio da disseminação de saberes e práticas que reforçam assimetrias nas relações de gênero. Posto que, de modo paradoxal, as crianças costumam ser vistas como inocentes, ao mesmo tempo que vivenciamos uma arbitrária adultização e erotização dos corpos infantis, sobretudo por meio das redes sociais. O que corrobora com a demanda por abordagens lúdicas e informativas da Educação Sexual desde os anos iniciais, respeitando os saberes necessários para cada faixa etária como sinalizam as ilustrações e os escritos sobre a

t.

importância de abordar questões de gênero na infância representadas no fanzine da figura 2.

Figura 2: Fanzines sobre Educação Sexual na Educação Infantil



Fonte: Estudantes da disciplina ESPEC (2025)

Desde a Educação Infantil, a escola (re)produz binarismos, tais como sexo/gênero, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, que se opõem, hierarquizam e excluem, delimitando estereótipos nas representações de gênero sobre o que significa “ser menino/a”. Em contraponto, a construção de (bio)docências aliadas à incorporação de uma Educação Sexual além do biológico nos currículos escolares possibilitaria subverter oposições binárias a partir de problematizações e resistências, encorajando um processo desestruturativo de discursos e relações de poder. Posto que, “[...] o exercício do poder pode, na verdade, fraturar

e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc." (Louro, 1997, p.33).

Nesse horizonte, nós educadores/as precisamos problematizar discursos essencialistas e fundamentalistas que reiteram essa suposta linearidade corpo-sexo-gênero, a exemplo das abordagens biológico-higienista e moral-tradicional da Educação Sexual, pautadas no determinismo biológico e na família cisheteronormativa que ancoram preconceitos e binarismos. Tais abordagens censuram (in)formações socioculturais e políticas sobre corpos, gêneros e sexualidades, posto que, usualmente, se fundamentam na noção arbitrária de "papéis sexuais" tradicionais distintos para homens e mulheres, defendendo assim, uma educação separada de meninos e meninas (Furlani, 2011). Essa educação distinta entre os gêneros é (re)produzida tanto na família quanto na escola (e demais espaços socioeducativos) por meio de discursos que constroem diferenciações entre meninos e meninas, como se existisse um modo correto de "ser menino/menina". Em um processo hierárquico que se sobressai na infância a partir da separação de cores, roupas, acessórios e brinquedos, considerados símbolos de um padrão cisheteronormativo hegemonic e segregador, que percorre toda a vida adulta, legitimando desigualdades entre meninos/homens e meninas/mulheres (Louro, 2017; Meyer, 2004).

Nesse caminho, valeria questionar: O que é a infância e o currículo? Isto é, como podemos (re)conhecê-los/as para além das imagens convencionais, dogmáticas e dos lugares comuns? "Indagam, desde aí: em que consiste uma imagem de infância e de currículo que não seja um clichê? Onde termina o clichê e começa a imagem? Onde a pesquisa começa,

efetivamente, a pensar? Quando a pesquisa começa a criar e não mais a reproduzir os clichês” (Corazza, 2012, p.12) Tais questionamentos pressupõem questionar os clichês supostamente inquestionáveis, isto é, o que estaria posto e definido histórica e socioculturalmente, buscando atualizar, exercitar o pensamento e a problematização dos conceitos de infância e currículo para sabermos o que, efetivamente, significa e deseja a infância e, como construir um currículo, de fato, pautado na força e na diferença (Corazza, 2012). Em consonância, Paraíso (2015) ressalta que um currículo pode ser (des)construído entre formas e forças, ou seja, por meio de tensionamentos, experimentações e estratégias de resistências, nós docentes podemos ressignificar esse currículo (e acrescento essa infância) com a mesma matéria dos sonhos e das alegrias.

Um/a docente que consegue problematizar o currículo, suas aulas e estratégias didático-metodológicas driblando as imposições de saberes legitimados permite que suas memórias e experiências desconstruam clichês e estereótipos matizados em um pensamento cartesiano (Reis, Corazza, 2020). Tal pensamento puramente racional e engessado sustenta binarismos, como “ciências duras/ciências moles”, ciência/cultura, que permeiam o campo da Biologia, demandando problematizações para a incorporação de uma Educação Sexual além do biológico nos currículos escolares desde a infância. Por meio de (bio)docências que reconheçam a potência do diálogo e da articulação entre diferentes campos de saber, como a pedagogia, sociologia, filosofia, música, artes, visando criar estratégias e condições de possibilidades adotadas pelo/a educador/a,

[...] em seus ensaios de aula, em sua docência desejosa pela impregnação apaixonada de porvires. Apaixonado, enfeitiçado, escreve, lê, sonhografa, poetiza Aulas-sonhos para

distanciar-se do que diminui a potência de um pensamento inventivo na docência. O rigor intelectual é usado na extensão do pensamento filosófico da diferença, que cria e recria [...] (Reis, Corazza, 2020, p.29-30).

Em continuidade, os fanzines sobre gêneros e feminismos compactuam com uma (bio)docência sobre/para/com vidas além do biológico que reconheça a diversidade de mulheres, homens, crianças, idosos/as, enfim pessoas com suas múltiplas identidades/diferenças que além de respeitadas, sejam valorizadas assegurando direitos iguais, equidade, democracia e justiça social.

O fanzine sobre gênero e feminismo representado na figura 3 evidencia a demanda por equidade de direitos entre homens e mulheres, por meio de cores, símbolos de movimentos sociais e enunciados que salientam uma pauta tão necessária para ser incorporada nos currículos escolares e acadêmicos em uma perspectiva feminista.

Figura 3: Fanzines sobre Gêneros e Feminismos



Fonte: Estudantes da disciplina ESPEC (2025)

A partir do enunciado “*nossa própria biologia não tem sido devidamente analisada*”, evidenciamos que (bio)docências e Educação Sexual pressupõem problematizações e questionamentos acerca dos modos como são (re)produzidos discursos biologicistas e essencialistas sobre corpos, gêneros, sexualidades e feminismos. Dessa maneira, vale destacar que feminismos, em suas diferentes vertentes (liberal, radical, marxista, socialista, teórica crítica social, multicultural, global e pós-moderno) convergem no objetivo de superar a subordinação feminina. De modo geral, o feminismo consiste em um movimento social e político compromissado com equidade de direitos entre os gêneros, justiça e democracia, visando construir estratégias que viabilizem mudanças sociais e políticas. O feminismo pós-moderno questiona o conceito unificado e essencialista de identidade, embora enfrentem críticas de serem apolíticas, as feministas pós-modernas

buscam desconstruir normas tradicionais e modelos identitários universalistas, para o reconhecimento da diversidade de mulheres (e homens), por meio da problematização de discursos que utilizam “diferenças sexuais” para justificar desigualdades nas relações de gênero (McLaren, 2016; Souza; Maknamara, 2024). Além das políticas de gênero, “[...] O discurso da sexualidade é central tanto para a organização social quanto para a constituição da subjetividade” (McLaren, 2016, p.50).

McLaren (2016) argumenta sobre a importância de uma “teoria feminista de subjetividade” que abrange quatro características principais: 1) *análise das relações de poder* que moldam a subjetividade; 2) *diversidade entre as mulheres*, constituindo uma teoria cultural, histórica e interseccional que encoraja problematizações sobre políticas de corpos, gêneros e sexualidades em articulação com outros marcadores identitários como raça-etnia, classe, religião, habilidade física; 3) *subjetividades de gênero*, visando examinar complexas relações de gênero, sexo e sexualidade para desconstruir discursos essencialistas e representações estereotipadas e, 4) fundada em *práticas e instituições históricas e socioculturais* reais. Tal “teoria feminista de subjetividade” poderia ser incorporada nos currículos escolares e acadêmicos a partir das abordagens e temáticas socioculturais de uma Educação Sexual além biológico, contribuindo para problematizações e (des)construções de discursos essencialistas, binaristas e normativos que margeiam políticas de corpos, gêneros e sexualidades, dificultando o reconhecimento das múltiplas experiências e subjetividades.

Uma teoria feminista da subjetividade incorporada no exercício da (bio)docência aliada a uma Educação Sexual além do biológico seria um caminho potente para desestabilizar hierarquias de gênero, privilégios e injustiças sociais, sobretudo a partir da abordagem de sexualidade, corpo e

gênero como temas culturais indispensáveis para a convivência social e construção de um currículo escolar pluralista e inclusivo. Um currículo pautado na diversidade de vidas, ou seja, que acolha identidades/diferenças, saberes, práticas, estratégias didáticas e condições de possibilidades para nós educadores/as desenvolvermos nossas “aulas-sonhos” em direção a um processo de ensino e aprendizagem, efetivamente, humanizado, ético e empático. Para vislumbrar novas possibilidades de currículo e ensino de Biologia, (bio)docências e Educação Sexual, “aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo” (Kafka, 2011, p.122), isto é, seguimos lutando, problematizando e (re)aprendendo sobre/para/com vidas além do biológico...

CONCLUSÕES TRANSITÓRIAS

*“Dos teiques
eu gosto.
Do improviso.
Do imprevisto.
Do fragmento.
Do inacabado
que vira acabado
porque não tem
mesmo jeito”*
(Tomaz Tadeu, 2007, p.318).

Potentes memórias e experiências (bio)docentes inacabadas permeiam o exercício de pensamento e problematização de uma professora-pesquisadora que

escolheu (e/ou foi escolhida para) abordar, de modo contínuo e sistemático, as temáticas socioculturais da Educação Sexual. Nesse rumo, sigo buscando (re)criar saberes, práticas e condições de possibilidades para construir uma (bio)docência que permita: reconhecer diferentes corpos, expressar a diversidade de gêneros, questionar essencialismos, oposições binárias e modelos hegemônicos de masculinidades e feminilidades e, vivenciar sexualidades como dimensões plurais e livres...

Os fanzines apresentados constituem pedagogias e artefatos culturais, que evidenciam algumas das estratégias e possibilidades didáticas potentes para ressignificar o ensino de Ciências/Biologia em articulação com o campo transdisciplinar da Educação Sexual e outras temáticas socioculturais e políticas. Em direção ao exercício de (bio)docências, questionamos o lugar da diversidade nos currículos escolares e acadêmicos, enfatizando a necessidade de abordagem da Educação Sexual desde a infância, bem como a incorporação de perspectivas feministas e de gênero para (re)construção de processos de ensino e aprendizagem pautados na equidade, justiça social, reconhecimento e acolhimento das diferenças.

Enquanto educadores/as precisamos nos reinventar para enxergarmos além dos limites de nosso campo de saber, nesse caso, a Biologia. Por meio de nossas experiências e subjetividades vislumbramos múltiplas potências criativas para (des)construção de uma docência sobre/para/com vidas além do biológico, que oportunize um processo de ensino e aprendizagem sensível, empático e diverso, conectado com diferentes pedagogias e artefatos culturais requisitados pelos sujeitos de uma cultura multifacetada e móvel. Assim, seguimos munidos/as com “aulas-sonhos” e realizando “pequenas revoluções diárias” para construirmos (bio)docências e uma Educação Sexual além do biológico, por



meio da problematização e desconstrução de discursos, saberes, práticas e relações de poder que tentam enclausurar corpos, gêneros e sexualidades...

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. Minhas experiências no ensino com os criativos fanzines de histórias em quadrinhos (e outros temas). In: SANTOS NETO, E; SILVA, M. R. P. (Orgs.). **Histórias em quadrinhos e Práticas Educativas**. São Paulo: Criativo, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 05 Jan. 2026.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. AbraFanzine: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.65-77, 2009.

CZERESNIA, Dina. **Categoria Vida: reflexões para uma nova Biologia**. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Um chão sem fronteiras: ciência e arte na sala de aula. In: FERREIRA, Marcia Serra; CHAVES, Silvia Nogueira; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de; GASTAL, Maria Luiza de Araújo; BASTOS, Sandra Nazaré Dias (Orgs.). **Vidas que Ensinam o Ensino**



da Vida. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020, p.99-106.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar o currículo como acontecimento: em V exemplos. In: 27.^a REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. Anais eletrônicos. Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/pesquisar-o-curriculo-como-acontecimento-em-v-exemplos>. Acesso em: 03 jul. 2025.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Revista Periferia**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo da infância e infância do currículo: uma questão de imagem. In: Marlucy Alves Paraíso; Rita Amelia Vilela; Shirley Rezende Sales. (Org.). **Desafios contemporâneos sobre currículo e educação básica**. 1ed.Curitiba, PR: CRV, 2012, v. 1, p. 25-38.

CORAZZA, S. M. Base Nacional Comum Curricular: apontamentos crítico-clínicos e um trampolim. **Educação**, 39(4), 135-144, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: estratégia, poder-saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b.



FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política.** Organização de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos & Escritos V).

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

KAFKA, Franz. Um relatório para a academia. In: KAFKA, Franz. **Essencial.** Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LARROSA, Jorge. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na Educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na Educação. Teias. v. 13, n. 27, p.287-298, jan./abr. 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafrão: takes, cuts, close-ups.** Belo horizonte: Autêntica, 2017.



MAGALHÃES, H. Fanzines de Histórias em Quadrinhos: linguagem e contribuições à educação. **Discursividades**, v. 7, n. 2, p.170-201, jul-dez 2020.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismos e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016 (Coleção Entregênero). Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13 -18, jan./fev. 2004.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Gênero, Sexualidade e Currículo. In: BRASIL (TV Escola/Salto para o futuro). **Educação para igualdade de gênero**. Ano XVIII - Boletim 26 – Novembro de 2008. p. 20-30.

OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra. Entre raízes e radículas. o que se passa no currículo escolar. **Espac do currículo**, v.8, n.3, p. 356-363, setembro a dezembro de 2015.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças. **Educação**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 49-58, 2015. DOI: 10.15448/1981-2582.2015.1.18443.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Curriculos: teorias e políticas**. São Paulo: Contexto, 2023.

REIS, Marina dos; CORAZZA, Sandra Mara. Ensaio de pensar aulas-sonho para não-filósofos. **Momento - Diálogos Em Educação**, v.29, n.3, p.14-34, 2020.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003.

SOUZA, Elaine de Jesus. **Educação sexual “além do biológico”**: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia. Porto Alegre, 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOUZA, Elaine de Jesus; MAKNAMARA, Marlécio. **Biologias para questionar**: saberes e ensinar vidas. João Pessoa: Ideia, 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TADEU, Tomaz. Políptico. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. no 45, jun. 2007. p. 309-322.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 71-9.

Recebido em 24 de setembro de 2025

Aprovado em 26 de dezembro de 2025.